



## LITERATURA, FRONTEIRA E COMÉRCIO

Moacir Lopes de Camargos<sup>1</sup>  
Marcos Estrada<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho, de abordagem qualitativa, é discutir o comércio realizado pelos quileiros entre as cidades gêmeas Aceguá (Brasil) e Aceguá (Uruguai) e a cidade de Melo (Uruguai). A partir da leitura do livro *Conto do país dos gaúchos* do escritor uruguaio Julián Murguía, como principal referência, discutimos como acontece esse tipo de atividade comercial fronteiriça considerada não oficial. O referencial teórico advém de Bakhtin (2000) e suas contribuições sobre alteridade, de Miotello (2005, 2009) sobre o conceito de ideologia, dentre outros investigadores. Pudemos observar com nossas análises que, embora esse tipo de comércio seja considerado ilegal e as pessoas que o praticam sejam perseguidas, ele é necessário para que elas sobrevivam, uma vez que a política econômica prevista no Mercosul não contempla as vulneráveis populações fronteiriças.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura; fronteira; relações comerciais.

**ABSTRACT:** The objective of this study, of a qualitative approach is to discuss about the trade conducted by quileiros between the twin cities Aceguá (Brazil) and Aceguá (Uruguay). From the reading of the book *Contos do país dos gaúchos* of the Uruguayan writer Julián Murguía as a main reference, we discuss how is happening this other type of commercial activity, considered unofficial. The theoretical framework comes from Bakhtin (2000) and his contributions on otherness, Miotello (2005, 2009) on the concept of ideology, among other researchers. We observed with our analysis that although this type of trade is considered illegal and the individuals who practice it are persecuted, it is necessary for these people to survive, since the economic policy under MERCOSUR does not contemplate the vulnerable border populations.

**KEYWORDS:** literature; border; commercial relations.

## INTRODUÇÃO

Correr es mi destino  
Para burlar la ley  
Clandestino (Mano Chao)

Nas cidades gêmeas de Aceguá (Brasil) e Aceguá (Uruguai)<sup>3</sup> existe um tipo de comercialização de mercadorias que, nesta zona de fronteira é realizada pelos quileiros – homens que utilizam motocicletas adaptadas para transportar grandes quantidades de gêneros alimentícios, bebidas e, sobretudo, botijões de gás para uso doméstico. Em suas rotinas de trabalho, eles estão sempre arriscando suas vidas por percursos alternativos, fora da rodovia oficial de ligação entre as cidades de Aceguá e Melo, evitando assim, serem abordados (ou presos) pela polícia, o que resultaria em perda das mercadorias transportadas, do trabalho e, conseqüentemente, um grande prejuízo.

Para realizar este trabalho, além de nossas constantes visitas a essas cidades e contatos com os quileiros na zona fronteira, tomamos o livro intitulado *Contos do país dos gaúchos* do escritor uruguaio Julián Murguía. O fato de partir desta obra literária para refletir sobre o comércio na fronteira pode ser justificado porque

nos processos interativos trabalhamos, na relação com a alteridade, com recursos expressivos para compor ora textos extremamente referenciais, ora para compor textos ficcionais que construindo um mundo próprio nos fala do mundo que não é, que não existe, para nos fazer compreender com maior profundidade ou apanhar por outros ângulos o mundo que é. (GERALDI, 2013, p. 6).

Como dados secundários, nos serviram o filme *O banheiro do Papa* (1998) dos diretores uruguaio Enrique Fernandez e César Charlone, a música *el Camino de los quileiros* de Osiris Rodríguez Castillo, a música *Frontera* de Jorge Drexler. Com estes dados, analisamos como se dá esse tipo de comércio não-oficial na fronteira Brasil/Uruguai – cidades de Aceguá. Na prática, esse comércio evidencia e explicita as frágeis relações comerciais (não legitimadas) entre os dois países integrantes do Mercosul. Nestas relações estão presentes os sujeitos, os outros que vivem sempre correndo para burlar a lei; são rotulados de contrabandistas, clandestinos, bandidos etc como podemos ver na epígrafe deste texto.

Para analisar essas alteridades que emergem neste contexto fronteira singular, e expõem as mazelas capitalistas e ideologias neoliberais, buscamos apoio nas discussões sobre mercado neoliberal e ideologias propostas por Miotello (2005,

2009); no conceito de alteridade apresentado pelo pensador russo Bakhtin (2000), na pesquisa sobre fronteira de Corrêa (2011), dentre outros aportes teóricos.

## A POLÍTICA DO MERCOSUL

Primeiramente, para melhor compreender este comércio fronteiriço devemos retomar alguns aspectos referentes à criação do Mercosul<sup>4</sup> – Mercado Comum do Sul. Conforme consta na página da internet deste órgão:

O ano de 1985 é o marco inicial do processo político que resultou na criação do Mercado Comum do Sul, o Mercosul. Foi o momento em que Brasil e Argentina iniciaram as negociações comerciais, no âmbito da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI), com vistas à formação de um mercado regional. Em contexto histórico marcado pela redemocratização dos dois países, os Presidentes José Sarney e Raul Afonsín assinaram, em 30 de novembro de 1985, a Declaração de Iguazu. No documento, os mandatários do Brasil e da Argentina enfatizaram, entre outros temas, a importância da consolidação do processo democrático e da união de esforços com vistas à defesa de interesses comuns nos foros internacionais. Reafirmaram o desejo de aproximar as duas economias e criaram a Comissão Mista de Cooperação e Integração Bilateral, à qual coube a formulação de propostas de integração entre Brasil e Argentina.

O resultado do trabalho da Comissão Mista levou à assinatura, na cidade de Buenos Aires, em 29 de julho de 1986, da Ata para a Integração Argentino-Brasileira. No acordo, Brasil e Argentina comprometeram-se a cumprir o Programa de Integração e Cooperação Econômica (PICE). Por meio do PICE, foram estabelecidos protocolos setoriais, voltados à integração de setores produtivos específicos. O objetivo do Programa era abrir, de modo seletivo, os mercados nacionais e estimular a complementaridade das economias, a fim de permitir condições de adaptação dos agentes privados ao novo ambiente econômico.

Em um início de redemocratização a partir da segunda metade da década de 1980, após violentas ditaduras militares na América Latina, o acordo entre Argentina e Brasil significou uma inovação para que essas nações (e futuramente outras da América do Sul) pudessem sair do atraso econômico. Fica evidente no excerto acima que o principal objetivo do Mercosul, como a própria sigla indica, é o fortalecimento comercial entre os países integrantes, o que garantiria um melhor desenvolvimento econômico a esses países. Isso é reforçado pelo Tratado de Assunção, assinado em 1991, incluindo Uruguai e Paraguai como integrantes do Mercosul:

Ao esforço de integração inicialmente empreendido por Argentina e Brasil uniram-se Paraguai e Uruguai. Juntos, os quatro países formularam o projeto de criação do Mercado Comum do Sul, o Mercosul, culminando na assinatura do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991. Naquela data, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai acordaram ampliar as dimensões dos seus mercados nacionais, com base na premissa de que a integração constitui condição fundamental para acelerar o processo de desenvolvimento econômico e social de seus povos. Estabeleceram, no preâmbulo do Tratado de Assunção, que a constituição do mercado comum deve pautar-se pelo aproveitamento mais eficaz dos recursos disponíveis, pela preservação do meio ambiente, pela melhora das interconexões físicas e pela coordenação de políticas macroeconômicas de complementação dos diferentes setores da economia.

Deste Tratado fica evidente que os quatro países integrantes do Mercosul devem pautar pelo aceleração de seu crescimento no âmbito econômico, embora o documento ressalte também o desenvolvimento social de seus povos. Mas, como conseguir esse resultado social se as políticas estão voltadas para o plano macroeconômico? Como sabemos, a longa fronteira do Brasil, não só com os três países integrantes do Mercosul, mas também com os outros sete países da América do Sul é uma zona de muitos conflitos, sobretudo no que diz respeito ao tráfico de drogas, como sempre vemos nas notícias (jornais, tv). Milhares de pessoas cruzam constantemente por essas fronteiras e buscam novos meios de sobrevivência. Isso gera, entre tantas outras consequências, o surgimento de um tipo de comércio não previsto no Mercosul que emerge no nível microeconômico e constitui em um meio de se sobreviver em mundo capitalista que se afirma globalizado.

## O COMÉRCIO NA ZONA DE FRONTEIRA

Quando pensamos em um conceito de fronteira, primeiramente, pode nos surgir a ideia de uma separação em dois lados com espaços geográficos definidos em territórios distintos, definidos pelos traçados dos mapas. Porém, como mostra a pesquisa de Corrêa,

Para os moradores da região urbana de Aceguá, as relações identitárias são tão próximas a ponto de se pensar nas cidades como única. A identificação de “dois lados, o brasileiro e o uruguaio” está presente no discurso em que a marca de nacionalidade se torna relevante: no discurso de quem não pertence à comunidade, ou no discurso de quem pertence à comunidade, mas, em situações específicas precisa de uma definição geográfica exata que marque os dois territórios nacionais, ou ainda quando,

no discurso oficial, em que é preciso marcar o contato entre os dois países vizinhos. (CORRÊA, 2011, p.5).

E em tempos de globalização, o que seria fronteira? Quem são as pessoas que vivem nesse espaço? Se estamos cada vez mais globalizados, o significado de estar integrado ou conceito inicial de fronteira perderia, talvez, seu sentido e força. Como nos mostra a música *Frontera* do cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler, esta é um lugar livre e, conseqüentemente, quem habita esse espaço também é, a princípio, livre como as bandeiras ao sabor do vento.

Frontera

Jorge Drexler

Yo no sé de dónde soy,  
mi casa está en la frontera (BIS)

Y las fronteras se mueven,  
como las banderas. (BIS)

Mi patria es un rinconcito,  
el canto de una cigarra. (BIS)

Los dos primeros acordes  
que yo supe en la guitarra (BIS)

Soy hijo de un forastero  
y de una estrella del alba,  
y si hay amor, me dijeron,  
y si hay amor, me dijeron,  
toda distancia se salva.

No tengo muchas verdades,  
prefiero no dar consejos. (BIS)

Cada cual por su camino,  
igual va a aprender de viejo. (BIS)

Que el mundo está como está  
por causa de las certezas (BIS)

La guerra y la vanidad  
comen en la misma mesa (BIS)

Soy hijo de un desterrado  
y de una flor de la tierra,  
y de chico me enseñaron  
las pocas cosas que sé  
del amor y de la guerra.

A letra da música sugere que as pessoas fronteiriças são livres para ir e vir, conforme afirma também Corrêa (2011), em pesquisa realizada no município de Aceguá, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Para a pesquisadora,

Nesse local, a única divisa entre o território brasileiro e uruguaio é uma linha imaginária firmada por marcos ao longo da faixa divisória. As cidades gêmeas Aceguá/Aceguá são interdependentes entre si, sendo totalmente livre e contínuo o ir e vir dos moradores da localidade. Por essa razão é natural que alguns moradores da comunidade trabalhem e/ou morem de um lado da fronteira e levem os filhos para estudar do outro lado e vice-versa. (CORRÊA, 2011, p. 1).

E, nessa zona brasileira de comércio fronteiriço destacamos aqui o Uruguai, mais especificamente as relações comerciais entre essas pequenas cidades gêmeas de Aceguá (Brasil), Aceguá (Uruguai)<sup>5</sup> e a cidade uruguaia Melo, distante 60 quilômetros de Aceguá. Esta zona apresenta uma singularidade bastante distinta no que se refere ao comércio de mercadorias. Ressaltaremos as singularidades dos chamados quileiros<sup>6</sup>. Trata-se de pessoas (na maioria jovens) que não tem a total liberdade de ir e vir nessa fronteira de linha imaginária. Como o nome sugere, são pessoas que vivem da compra de mercadorias (podem ser quilos de erva mate, de arroz, de batata etc) no Brasil (Aceguá) para vender no Uruguai (Melo). Como essa circulação de mercadorias entre os dois países, em escala micro, não está prevista no Mercosul, as pessoas responsáveis por esse tipo de atividade são consideradas contrabandistas, como é retratado no conto os *Contrabandistas*, do escritor uruguaio Julián Murguía.

Na história do conto, um garoto – que está de férias na fazenda do tio – fica muito curioso ao tomar conhecimento que um amigo do seu tio é um

contrabandista, pois vende mercadorias por encomenda. Ele deseja saber quem são essas pessoas que realizam atividades comerciais não oficiais. Sua pergunta insistente ao tio é para saber se um contrabandista é um bandido, ou seja, se é um fora da lei que deve ser preso por realizar coisas erradas. Vejamos um trecho do conto:

- São quileiros – disse titio.

- Que é isso, quileiros?

- Contrabandistas.

- Bandidos?

- Não, não são bandidos. São vizinhos pobres. Vivem naquele rancherio – e apontou por cima de mim.

Lembrei-me do rancherio, dos guris terrosos de olhos como pratos.

- Mas são contrabandistas?

- Sim, de quilo a quilo. Um quilo de açúcar, outro de erva ou de feijão... Por isso são chamados quileiros. Vão a pé, com bolsa nos ombros.

- Se o comissário os pega eles vão presos?

- Acho que vão... e perdem o que levam.

- Então são bandidos.

(...)

- É difícil explicar. Quando fores maiorzinho vais compreender. O que o homem faz pra defender os seus está bem feito. É a lei natural.

- Então não são bandidos?

- Não, filhinho. Não são bandidos. São gente boa, mas infelizmente.

(MURGUÍA, 1993, p. 94-95).

Quando o tio explica que são vizinhos pobres, o garoto se lembra de pessoas que ele viu e vivem em condições bastante precárias. Isso nos revela uma das maiores mazelas do mundo capitalista: o enorme fosso entre ricos e pobres que é escancarado em toda América Latina. Por um lado, podemos observar que enquanto a hegemonia capitalista impõe as regras do mercado, do lucro, do desenvolvimento e crescimento – aspectos *sine qua non* para o sucesso de qualquer nação que segue as regras capitalistas – surge uma ideologia cotidiana desestabilizando a ideologia dominante, o que é importante para a sobrevivência de muitos dos excluídos do sistema (Miotello, 2005). Ou seja, a forma de contrabando dos quileiros, os diferentes, é algo que mostra um outro movimento, ainda que pequeno e subalterno, que persiste empurrando/pressionando a hegemonia dominante e revelando o lado perverso desta que gera resultados nefastos no mundo e afeta milhões de pessoas.

De fato, a ideologia do Mercosul prevê o crescimento em larga escala, em números que elevam a economia, acreditando que, dessa forma, possa diminuir, ainda que a longo prazo, o índice de pobreza entre os países integrantes. Desse modo, haveria um crescimento social dos povos, como preconiza o Tratado de Assunção. Porém, como é evidente, persiste o imenso desnível entre ricos e pobres (não só nos países integrantes do Mercosul, mas em toda a América Latina), deixando estes, na grande maioria das vezes, sem nenhum recurso ou alternativa de trabalho. A única saída é correr o risco de ser preso para tentar ganhar a vida, já que são infelizes como explica o tio ao garoto no excerto do conto acima.

O tema do contrabando também aparece em outro conto de Murguía intitulado *Visita*. Na história narrada, um senhor chamado Ugarte vem visitar o tio do garoto e começam uma conversa:

- E o que o senhor vende?

- Não vendo nada. Faço fretes, contrabando de encomenda. . .

- O senhor, contrabandista?

Eu o olhava com olhos grandes e redondos, como esperando vê-lo transformar-se sabe-se lá o quê.

- Pois... levo isso no sangue – e dirigindo-se a mim: - Não me olha assim, isso não é feio. A terra é dos homens, e quando os homens se entendem não precisam de leis. As leis foram feitas pros homens que não se entendem.

- E o comissário, o que acha disso? – perguntou titio.

- O comissário faz o que lhe mandam. Mas não há ninguém, gente ou milico, que não tenha comprado algo de contrabando, ou que, indo ao Brasil, não tenha trazido coisa alguma. No fim das contas... acho eu... se um brasileiro quer vender e um oriental quer comprar, pra que fazer tanto alvoroço?

Titio deu uma risada. (MURGUÍA, 1993, p. 88-99).

De fato, como aparece no excerto acima, os quileiros não vendem mercadorias, fazem frete. Os donos de mercearias e, geralmente, de pequenos comércios da cidade de Melo lhes fazem as encomendas e lhes pagam para trazer diversos produtos do Brasil. E como fica explícito na fala do senhor Ugarte, não é necessário leis, pois sendo a terra dos homens, estes se entendem em suas transações. Ademais, sendo a fronteira uma zona de enorme proximidade e sem barreiras físicas rígidas, como no caso de Aceguá, é impossível não realizar compras, mesmo que seja proibido. E, como não há um policiamento ostensivo por parte de nenhum dos países (Brasil ou Uruguai), isso facilita a circulação de pessoas e, conseqüentemente, de mercadorias.

Talvez, mesmo que as autoridades saibam dessa antiga forma de comércio irregular, sabem que isso pode não render tantos lucros, ou como sugere o conto: fazem o que lhe mandam, ou seja, recebem propina ou obedecem a superiores. Ou até mesmo os milicos (polícia) aproveitam da liberdade fronteiriça para contrabandear algo, já que, como sabemos, possuem baixos salários.

Na fala do senhor Ugarte: *levo isso no sangue* fica explícita uma lógica da exploração, da perpetuação da pobreza e da miséria. É possível lermos esse enunciado com a seguinte interpretação: se sempre houve esse contrabando na região, isso é uma herança, algo como um gene transmitido a outras gerações. Dessa maneira, o senhor Ugarte não aceita o rótulo de contrabandista, ao contrário, sendo hereditário, é justificável o seu trabalho, mesmo que os outros vejam como atividade ilegal esse comércio de mercadorias realizado pelos quileiros.

Entretanto, enquanto todos veem esse comércio considerado ilegal, os *free shops*, no lado uruguaio (Aceguá), estão abertos todos os dias da semana para que as pessoas (brasileiros) de maior poder aquisitivo realizem suas compras, seja em real, dólar, peso uruguaio ou cartões de crédito. Alguns desses estabelecimentos se assemelham a supermercados ou enormes catedrais do consumo com enormes gôndolas, mas não de produtos alimentícios diários como arroz, por exemplo, mas uma vasta gama de produtos importados. Dentre estes, os mais procurados são: perfumes, bebidas, roupas e sapatos de grife, chocolates, etc.

Retomando o conto, quando termina a conversa, o tio dá uma risada, algo que pode ser considerado fora da ordem. Mas, o pensador francês Minois nos explica que “o riso vai se insinuar por todas as imperfeições humanas. É uma constatação de decadências e, ao mesmo tempo, um consolo, uma conduta de compensação, para escapar ao desespero e à angústia: rir para não chorar” (MINOIS, 2003, p.113). Nas palavras do pensador russo Bakhtin:

O verdadeiro riso, ambivalente e universal, não recusa o sério, ele purifica-o e completa-o. purifica-o do dogmatismo, do caráter unilateral, da esclerose, do fanatismo e do espírito categórico, dos elementos de medo ou intimidação, do didatismo, da ingenuidade e das ilusões, de uma nefasta fixação sobre um plano único, do esgotamento estúpido. O riso impede que o sério se fixe e isole da integridade inacabada da existência cotidiana. Ele restabelece essa integridade ambivalente. Essas são as funções gerais do riso na evolução histórica da cultura e da literatura. (BAKHTIN, 1993, p.105).

Quando vamos mostrar a fronteira para os amigos que não a conhecem, é inevitável não passar pelo marco da cidade de Aceguá e explicar sobre os quileiros,

contar sobre suas vidas, tirar fotos e mostrar que ali foi parte do cenário do filme *El baño del Papa*. Para quem não conhece o local, é comum o riso ao ver as cargas gigantescas em motos velhas, sobretudo com uma montanha de botijões de gás para uso doméstico ou mesmo em pequenos estabelecimentos comerciais, como pequenos bares. Claro, essas situações geram riso, pois são vistas como loucura, ou porque, talvez, temos uma única percepção do que seja a forma de comercialização de mercadorias. Daí surge o riso que denota a nossa rigidez em não olhar para o outro, em não querer ver sua realidade, tão próxima a nós.

Surge então a pergunta: quando esse outro emerge, se mostra diante de nosso olhar, como devemos tratá-lo? Esse é um constante dilema para nós quando temos de lidar com a alteridade, pois é ela que nos identifica e nos completa. Nos contos analisados, o outro excluído aparece como contrabandista, bandido, pois realiza um trabalho que está fora do proposto pelo mercado que possui um discurso de inclusão, de crescimento, enfim, de conquistas no plano econômico. Porém, no cotidiano dos lugares mais distantes como as pequenas cidades de fronteiras, as situações sociais difíceis e a falta de recursos, em vários aspectos, afetam intensamente a vida das pessoas.

Nesses lugares distantes, os quileiros, assim como outros excluídos, podem ser as alteridades inimigas que, mesmo quando as negamos, estamos afirmando, ainda que de forma inconsciente, que precisamos delas para a garantia de nossa identidade, considerada a correta. No conto, o garoto insiste em classificar os quileiros de bandidos, pois ao denominá-los dessa forma, há uma garantia de uma outra identidade que se define, isto é, não sou quileiro, não sou contrabandista, não sou bandido, não faço algo ilegal. A afirmação desses enunciados se dão justamente pela denominação que atribuímos ao outro, a alteridade inimiga. Vejamos um excerto da conversa entre o garoto e seu tio:

- Mas.... é ou não é teu amigo?
- Bueno, sim.
- Ele disse que é contrabandista.
- Precisa viver de alguma coisa, não é?
- Mas como pode ser seu amigo se é contrabandista?
- E por que não?
- Porque... se é contrabandista, não pode.
- Por quê?
- Porque não.
- Achas que não?

- Acho. Não pode.  
Titio deu uma gargalhada.  
- Olha aqui – disse ele -, eu posso ser amigo do comissário e também do vasco Ugarte.  
(MURGUÍA, 1993, p.94).

O garoto insiste em nomear o outro, o inimigo, mas o tio termina o diálogo com uma gargalhada. Conforme nos explica Bakhtin

O tom único é inaceitável (o sério). Cultura da multiplicidade de tons. As esferas do tom sério. A ironia como forma de mutismo. A ironia (e o riso) servindo para superar situações, elevar-se acima delas. Apenas as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias. A violência não conhece o riso. (...) O riso não entrava o homem, libera-o. Caráter social, coral, do riso, sua aspiração à comunidade, ao universal. As portas do riso estão abertas a todos. A irritação, a cólera, a indignação são sentimentos unilaterais: excluem aquele contra quem a cólera está dirigida, provocam a cólera como resposta: eles separam. O riso só pode unir, não pode separar. O riso sabe associar-se às profundas emoções íntimas Sterne, Jean Paul e outros). O riso e a festa. A cultura do dia comum. O riso e o domínio das finalidades. Tudo que é autenticamente grande deve comportar um elemento de riso, caso contrário fica ameaçador, aterrorizante ou grandiloquente e, em qualquer caso, limitado. O riso levanta as barreiras, abre o caminho. BAKHTIN (2000, p.374).

A gargalhada do personagem do conto, que até conseguimos imaginar, nos mostra que ele não está preocupado com o fato de seu amigo ser ou não contrabandista, algo que o garoto não entende. Para o tio, há uma liberdade na relação com as pessoas, seja o comissário ou o vasco Ugarte, contrabandista. Pela gargalhada, o tio denota a felicidade de ser livre em suas relações com as pessoas, sem entraves por suas posições sociais ou classificações. Denota também que o tio se constitui identitariamente no contato com os vários outros com os quais ele dialoga.

Mas, ao observarmos a realidade, vemos claramente as situações de falta de oportunidade na qual vivem os quileiros. E, uma saída para encarar esse fato é trabalhar de forma considerada irregular, como nos mostra a letra da canção *Camino de los quileros (milonga campera)*.

Hay un camino en mi tierra  
del pobre que va por pan,  
camino de los quileros

por la sierra de Aceguá.  
Tal vez, sin ser tan baqueano  
cualquiera lo ha de encontrar,  
pues tiene el pecho de piedra  
pero el corazón de pan  
pues tiene el pecho de piedra  
pero el corazón de pan.

Gurisito pierna flaca  
Barriguita de melón  
Donde hay tanta vaca gorda  
No hay ni charque para vos.

Tu bisabuelo hizo patria,  
tu abuelo fue servidor,  
tu padre carneó una oveja  
y está preso por ladrón.

Toma café con fariña  
y andá guapeando por ahi.  
Mañana mate cocido;  
pasado, Dios proveerá.  
Mañana busco el camino  
del pobre que va por pan  
Si no me para una bala  
pasando te traigo más.  
Si no me para una bala  
pasando te traigo más.

Yerba, caña, rapadura,  
un rollo'e naco, nomás;  
los pobres contrabandeamos  
a gatas pa' remediar.  
¡Que gaucho es el tal camino!  
... Pero duro de pelar.  
Camino de los quileros  
por la Sierra de Aceguá.

Camino de los quileiros  
por la Sierra de Aceguá.

A letra da música reforça algo que está evidente no conto *Contrabandistas*: a pobreza de grande parte das pessoas que vivem na região da fronteira Uruguai/Brasil ou nas proximidades desta. Sem oportunidades, a alternativa a essas pessoas para sobreviver é o trabalho de quileiro, ou seja, trabalhar para ganhar o pão nosso de cada dia como mostra o verso: *va por pan*. Ainda que os caminhos sejam de difícil acesso, o sujeito se torna um *baqueano*, isto é, conhecedor das trilhas e atalhos porque é resistente e tem um bom coração.

A segunda estrofe da música reforça a situação desigual e injusta da pobreza que, como já dissemos, impera na América Latina. Com tanta comida, vaca gorda pelos pampas, muitos não tem sequer leite em suas refeições diárias, carne então, nem pensar. O resultado são as crianças desnutridas: *gurisito pierna flaca barriguita de melón donde hay tanta vaca gorda no hay ni charque para vos*. Os versos da terceira estrofe mostram que houve um empobrecimento a cada geração: se bisavô teve terras, o avô foi empregado e o bisneto, por carnear uma ovelha, está preso, virou ladrão. Então, se é bandido, deve ir preso, mesma observação que faz o garoto ao tio, como aparece no diálogo do conto *Contrabandistas*, conforme já mencionamos anteriormente.

A música mostra também a vida cotidiana extremamente árdua e arriscada dos quileiros, ou seja, sobrevivem com um simples café com farinha ou um pobre chá de erva mate, sem saber o que terão para comer amanhã: somente Deus poderá prover alimento, caso uma bala não o mate. O desejo desses trabalhadores é continuar a realizar suas tarefas, ainda que arriscadas, pois somente dessa maneira terão a chance de ter um pouco de pão à mesa<sup>7</sup>.

Como mostra a última estrofe, as mercadorias podem ser produtos simples como rapadura, cachaça para suportar o forte frio e erva para o chimarrão. Porém, o trabalho que realizam para obtê-los é muito duro, mas é isso que garante o sustento dessas pessoas, sem escolaridade, que não tem muitas perspectivas de futuro, de outras possibilidades de conseguir um trabalho que lhes pague um salário digno para sobreviver.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema de Ferreira Gullar nos auxilia a explicitar de forma bastante clara grande parte do problema social que buscamos retratar neste trabalho: a falta de

oportunidades e os salários injustos pagos a uma grande maioria de trabalhadores, o que resulta, como vimos, em atividades consideradas ilegais.

Não há vagas

O preço do feijão  
não cabe no poema.

O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão

O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em seus arquivos.

Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras.

- porque o poema, senhores,  
está fechado:  
"não há vagas"

Só cabe no poema  
o homem sem estômago

a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede nem cheira.

E se não há vagas, resta praticar o comércio não regular da fronteira, considerado ilegal. Isso nos direciona o olhar para quem realiza esse comércio, ou seja, o vemos como o diferente, como o outro perigoso. Mas, na verdade, devemos lutar por melhores oportunidades oferecidas aos diferentes, fato presente nos contos de Murguía e na música analisada e também bem evidente no filme *O banheiro do Papa*. Isso nos mostra que as várias manifestações artísticas – sejam elas as obras literárias canônicas ou não; ou qualquer tipo de arte: música, pintura, escultura etc - possuem um enorme potencial para criarmos diálogos vivos com possibilidades de nos acercamos de um mundo mais justo para, desse modo, “nos aproximarmos de um pensar coletivo na construção de um novo sujeito”. (BENITES, 2006, p.92).

Após a leitura dos contos, um dos ensinamentos que podemos tirar dessa atividade dos quileiros é que diante do mundo que se diz cada vez mais globalizado, com rápidos avanços tecnológicos para facilitar e modernizar a vida dos cidadãos, os números dos indicadores econômicos como PIB (produto interno bruto), por exemplo, servem para mascarar a realidade que, muitas vezes, nos recusamos a ver. O que vale para o grande mercado econômico capitalista e neoliberal é a porcentagem de venda/exportação e, conseqüentemente, de lucro, não importando se com isso, fingimos não ver as mazelas do mundo bem ao nosso lado. O importante é apresentar gráficos com resultados positivos. Isso se deve porque “à aceleração do tempo, a mobilidade num mundo globalizado pelas novas tecnologias, e supostamente também pela economia, parece trazer a pá de cal: as identidades com que nos definimos como pertencentes a uma cultura, a uma nação, a um povo evaporam-se”. GERALDI (2010, p. 148).

O capitalismo estaria no fim, poderíamos nos perguntar. Ele não consegue mais proporcionar uma vida mais igualitária? O socialismo poderia dizer que sim, mas também o resultado não foi satisfatório nas nações onde tal sistema se instalou. O pensador inglês David Harvey analisa que o sistema capitalista passa por um momento de transição e transformação, o que afetará todas as relações econômicas. É necessária uma mudança, uma vez que sabemos da imensa crise mundial, sobretudo na Europa. Após eclodir a crise nos Estados Unidos em 2008, agora é a zona do euro que busca todas as formas para se manter unida. Então, nos resta a pergunta: nos uniremos no

Mercosul, mas o que faremos com a nossa imensa zona de fronteira? Vamos fechá-la para evitar que números reais não sejam contabilizados em nossos índices de crescimento econômico? Como tratar essas alteridades inimigas nas fronteiras/periferias?

## NOTAS

- <sup>1</sup> Professor do Curso de Letras da Unipampa – Univ. Federal do Pampa, Campus Bagé, RS. Atua também no Mestrado profissional em ensino de línguas. Email: [lopesdecamargos@gmail.com](mailto:lopesdecamargos@gmail.com)
- <sup>2</sup> Doutorando em Sociologia na University of Warwick, UK. Email: [m.estrada@transnationalism.info](mailto:m.estrada@transnationalism.info)
- <sup>3</sup> Estas duas cidades, com o mesmo nome, estão “separadas” apenas por uma avenida. Os quileiros compram produtos no lado brasileiro para vender na cidade de Melo (Uruguai) que está a 60 quilômetros de Aceguá.
- <sup>4</sup> As informações referentes ao Mercosul e Tratado de Assunção foram retiradas da página da internet [www.mercosul.gov.br](http://www.mercosul.gov.br) acesso em 07 de jul. 2012.
- <sup>5</sup> Estas duas cidades juntas possuem cerca de 10 mil habitantes, contando com a população urbana e rural.
- <sup>6</sup> Similiar ao trabalho dos quileiros é o trabalho das sacoleiras das cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad del Leste (Paraguai).
- <sup>7</sup> No filme *O banheiro do Papa* (baseado em fatos reais – a visita do Papa João Paulo II) a vida dos quileiros é retratada com bastante veracidade. Eles usam bicicletas para realizar mais de uma viagem (de Melo a Aceguá) ao dia na tentativa de ganhar um pouco mais de dinheiro. As condições precárias de vida dos quileiros é bem evidenciada no filme, seja em suas vidas íntimas, em seus casebres ou durante o percurso arriscado e difícil de suas viagens. É ressaltado também o sonho dos quileiros de sair da clandestinidade e conquistarem melhores condições de vida para suas famílias.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do original francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução de Marina Appenzeller. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3 ed. Trad. de Yara Frateschi). São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BENITES, Maria et al. *Transgressões convergentes*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

CORREA, Jociele Barcelos. *“Fronteira, Identidade e Bilinguismo”*: uma sequência didática voltada para o ensino de português na zona de fronteira Brasil/Uruguai. Monografia apresentada ao Curso de Letras. Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, RS, 2011.

GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e João Editores,

2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARVEY, David. *Organizing for the Anti-Capitalist Transition*. Disponível em:

<http://seminario10anosdepois.wordpress.com/2009/12/10/organizing-for-the-anti-capitalist-transition/> acesso 10 jul. 2012.

MINOIS, George. *História do riso e do escárnio*. Trad. de Maria Elena O. Ortiz. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

MIOTELLO, Valdemir. *A arte de consertar locomotivas velhas e o mundo: discursos e palavras sobre crise*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.

\_\_\_\_\_. 2005. "Ideologia". Bete Brait (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 170-178.

MURGUÍA, Julián. *Contos do país dos gaúchos*. 2 ed. Trad. de Sérgio Faraco. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

RODRIGUEZ, Gonzalo. *La línea imaginaria*. Documentário sobre a cidade de Aceguá. 2006.